

A amarga ternura dos fogos de artifício

Janete Oliveira

Mestranda do programa de pós-graduação em Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Resumo

Takeshi Kitano nos traz uma obra violenta, mas ao mesmo tempo abre um debate sobre nosso cotidiano, onde oscilamos entre humanidade e violência. Sua atualização da figura do samurai coloca a morte como o centro da discussão: até que o ponto a consciência da mortalidade – tão presente na vida do guerreiro feudal – contribui para uma humanização dos indivíduos em contraponto à eternidade proposta pela sociedade de consumo?

Palavras-chave: violência, humanismo, samurai.

Abstract

Takeshi Kitano bring us a violent work, but at the same time opens a debate about our quotidian, where we shift between humanity and violence. His update of the samurai figure puts death as the center of discussion: till what point does the conscience of mortality – so present in the life of the feudal warrior – contribute to a humanization of the individuals in the opposition to the eternity proposed by the consumption society?

Key-words: violence, humanism, samurai.

Resumen

Takeshi Kitano nos trae una producción violenta, pero, al mismo tiempo, abre un debate acerca de nuestro cotidiano, donde oscilamos en medio a la humanidad y la violencia. Su modernización de la figura del samurai situa la muerte como centro de la discusión: hasta quel punto la conciencia de la mortalidad – tan presente en la vida del guerrero feudal – aporta para una humanización de los individuos em contraposición a la eternidad propuesta por la sociedad de consumación?

Palabras claves: violencia, humanismo, samurai.



164

Este sétimo longa-metragem de Takeshi Kitano foi vencedor do Leão de Ouro, prêmio de melhor filme em Veneza em 1997. Comparado a diretores como Clint Eastwood, Orson Welles e Quentin Tarantino, Kitano é um dos mais famosos homens de mídia do Japão. É escritor, diretor, ator, pintor e artista gráfico. Nascido em 1948, consagrou-se no Japão como artista cômico na TV Japonesa. Em 1994, sofreu um acidente de moto que o deixou com uma parte do rosto paralisada e um tique no olho direito. Esta nova aparência é um trunfo para construir seus atuais personagens introspectivos, com fisionomias impassíveis e frias.

Fogos de Artifício conta a história do policial Yoshitaka Nishi (o próprio Kitano) que, em um mesmo dia, recebe duas notícias terríveis: seu melhor amigo e companheiro de trabalho, Horibe, é emboscado pela máfia e fica paralítico; e o câncer de sua mulher não tem cura. Ele então decide se aposentar para dar um final de vida mais feliz à esposa, Miyuki, mas sem o salário da ativa ele acaba se endividando com a Yakuza (máfia japonesa que controla o tráfico de drogas, prostituição e jogos de azar). Com o dinheiro ele também ajuda o amigo que, depois de paralisado da cintura para baixo, foi abandonado pela esposa e pela filha, cai em depressão e tenta inclusive se suicidar. Compra instrumentos de pintura para dar-lhe uma ocupação e um novo estímulo para viver. A dívida com a máfia vai aumentando e ele resolve assaltar um banco para saldá-la, viajando em seguida com a mulher através do Japão. A Yakuza, sabendo do assalto, resolve aumentar os juros da dívida e sai no seu encalço, assim como a polícia. Agora ele se vê encurralado entre a polícia (seu antigo trabalho), a máfia, da qual quer se vingar pelo que fez ao amigo e o desejo de dar um final de vida feliz à esposa. Persegue um mundo ideal enquanto o

mundo real está nos seus calcanhares.

Esse filme nos mostra também mais uma vez a questão da comunicação não-verbal japonesa, neste caso, especificamente, entre marido e mulher. Mas, apesar desse silêncio, que para nós ocidentais é extremamente incômodo, o casal consegue entender-se perfeitamente. Sentem a angústia e a tristeza um do outro e formam uma doce cumplicidade em meio ao caos que se torna a vida dos dois.

Hana-bi é um filme violento, mas, ao mesmo tempo, amargamente tenso. Ao mesmo tempo em que mostra a truculência do embate entre a Yakuza e a polícia e as reações de Nishi às suas investidas, Kitano nos mostra a ternura do casal no enfrentamento da morte. A cena final entre os dois é desconcertante, traduzida nas duas palavras ditas por Miyuki: *Arigatou* (obrigada) e *Gomen* (sinto muito/desculpe). A morte é um sentimento que transpassa todo o filme, seja através dos assassinatos perpetrados pelos dois lados, seja na doença da esposa de Nishi. Esse confronto com a morte nos leva a um específico personagem da cultura japonesa: o guerreiro samurai.

SAMURAI DOS NOVOS TEMPOS

165

Muitos comentários sobre o filme apontam-no como uma atualização dos antigos filmes de samurai. Sendo assim, como o próprio Kitano diz, os personagens de seus filmes estão sempre prontos a morrer ou por sua profissão ou pela condição em que se encontram. Do mesmo modo o samurai que está sempre pronto a morrer pelo seu senhor seguindo o Bushidô (código de honra dos guerreiros).

A comparação da percepção da violência nas duas sociedades é um tanto complexa, pois o processo de formação cultural é outro, as construções sociais são diferentes e os atos ditos violentos mudam de aparência. A questão do samurai, por exemplo. Muitos críticos de *Hana-bi* dizem que seu diretor reeditou os filmes desse estilo, que é muito popular no Japão, com dezenas de histórias de homens que de fato existiram, segundo relatos históricos. Podem até não ter feito tudo o que lhes é atribuído, mas documentos provam que eles viveram como o lendário Miyamoto Musashi, que inspirou quadrinhos como o *Lobo Solitário* (publicado em: 1963 – Japão e 1988 – Brasil), *Musashi* o livro de Eiji Yoshikawa, e um mangá de nome *Vagabond*, publicado atualmente no Brasil pela editora Conrad, e ainda serve de inspiração para muitos outros filmes e publicações.

O samurai deve estar preparado para morrer pelo seu senhor em batalha ou cometer seppuku¹ caso seja necessário. Um samurai sem senhor é um *ronin* que vaga sem destino certo até encontrar quem o contrate, um mercenário. A “violência” faz parte da sua vida e não é vista como algo negativo e sim necessário à manutenção da ordem e da honra, uma arte. O código do samurai, o *Bushidô*, que significa o caminho do guerreiro (*bushi* – guerreiro;

do – caminho), e que não era escrito e sim um ensinamento passado oralmente, recentemente foi publicado em livro por Daidoji Yuzan. Outra publicação importante, que hoje é utilizada na área de planejamento estratégico e administração, é o *Livro dos Cinco Anéis*, de Miyamoto Musashi.

A figura do samurai se destaca no período Heian e Tokugawa². Contudo, esse guerreiro já existia desde o século X, por causa do domínio da classe dos nobres, dos senhores feudais e antes do final do shogunato³ durante o fechamento do Japão ao exterior. Dura até a era Meiji, no século XIX, por ocasião da reabertura dos portos. Sua principal característica e o que dá a tônica de todo o seu código de honra é a morte, ter consciência dela e saber recebê-la, ou seja, ser samurai é saber morrer. A partir desse conhecimento, todas as suas ações visavam a manter o bom nome e a honra através das batalhas, para que isso permanesse na sociedade após a sua morte, em contraponto à fugacidade da vida. O Bushidô é influenciado pelas filosofias Budista, Xintoísta e Confucionista. Mas, para ganhar o posto, não era necessária somente força bruta: os samurais tinham que ser versados também na escrita e em outras artes, como ikebana (arranjos florais) e chanoyu (arte do chá), que serviam de treinamento para a mente e as mãos do samurai.

Portanto, ao fazer uma analogia entre Nishi e o guerreiro feudal japonês estamos propondo a questão do enfrentamento da morte, a compreensão da fugacidade da vida, que não se deve contar com o amanhã, que pode não acontecer.

HUMANISMO E VIOLÊNCIA

A linguagem de Kitano mescla cenas de aparente *nonsense* com cenas de extrema violência e outras de pura comédia. O diretor é apontado por especialistas como um dos que melhor equilibra violência e humanismo, o grande dilema da contemporaneidade.

A violência das situações do filme nos coloca diante da efemeridade da nossa própria vida, pois tudo pode ruir de um dia para o outro, modificando totalmente o seu rumo. René Girard expõe, em seu livro *A Violência e o Sagrado*⁴ sua tese de que o desejo é a mola deflagradora da violência e para apaziguá-la deve haver um sacrifício. Daí pode-se inferir as razões dos rituais religiosos que utilizam o sacrifício como forma de controlar os impulsos violentos da sociedade. Logo, a violência sempre esteve presente desde os primórdios como uma forma de catarse humana. Em oposição a isso colocamos o humanismo.

Quando falamos deste conceito estamos falando da corrente filosófica que coloca as necessidades e interesses humanos em primeiro lugar. Então, a violência contra e entre os indivíduos opõe-se aos preceitos humanistas. No entanto, desde o final do século passado, viver nas grandes cidades tem se transformado em uma tarefa cada vez mais perigosa, a convivência entre as pessoas está cada vez mais danosa, as pessoas têm se causado muitas mágoas e dores

em termos físicos e emocionais. Vide a persistente existência dos “pitboys” nas manchetes dos jornais.

A intolerância tem sido a tônica das relações sociais que a mídia estampa o tempo todo nas suas mensagens e temos isso como um dado da contemporaneidade. Estar junto tem se tornado cada vez mais difícil. Os meios de comunicação têm exacerbado tanto o aspecto da afirmação do “eu” e da personalidade que a tolerância entre as pessoas e a noção de finitude tem se esvaecido. Mesmo na sociedade japonesa, que possui um sentido de grupo mais forte, pode-se notar um processo de libertação do comunitário e uma procura por valores mais individualistas, ou “egoísticos” como os chamados *shinjinrui* (a nova raça humana) que é uma palavra criada pelos pais da nova geração e significa o tanto que esses não entendem a respeito dos filhos. Segundo alguns estudiosos, as pessoas mais jovens no Japão vêem a sua cultura como algo um tanto exótico e se sentem mais confortáveis perante a cultura européia, por exemplo.

Não vamos nos aprofundar nesta questão, pois ela nos servirá apenas para demonstrar que o Japão, à sua maneira, também experimenta uma transformação na sua cultura. Novos desejos de consumo cultural, material e social.

Considerando a versão de René Girard do desejo como mola deflagradora da violência, podemos entender alguns dos seus gatilhos dentro da nossa sociedade de consumo. Mas como isso acontece? Segundo o autor, não existindo o sacrifício no exercício de sua função apaziguadora, quando os desejos são frustrados eles geram uma reação interna ou externa. Ou são entronizados e aparecem como doença mental, ou são exteriorizados através da violência. Ora, em um mundo no qual a mídia estimula tantas promessas de felicidade e realização que dificilmente se concretizam, em que a frustração converte-se em estímulo do próprio consumo, a probabilidade de comportamentos agressivos cresce. Quando digo que a frustração é um estímulo, refiro-me a novos desejos de consumo que, ao serem saciados geram uma frustração por saciedade. Para tomar seu lugar criam-se novos anseios de consumo, a fim de que o processo não se esgote como explica Colin Campbell ⁵. Contudo, quando os desejos não são saciados na sua totalidade a frustração toma outros contornos e pode se tornar um problema grave. Um filme que problematiza esse aspecto é “O Clube da Luta”, de David Fincher.

A sociedade que estimula o consumo selvagem e irracional cria para si mesma infecções que a tornaram a doente de hoje. A recuperação dessa “humanidade” perdida parece-nos cada vez mais complicada, uma vez que já não sabemos onde queremos chegar, além do próximo produto ou cargo/promoção na empresa. A cultura do “aqui e agora”, pelo e para o consumo instantâneo, quebra essa perspectiva de recuperação. Mas, ao contrário da lógica do bushidô, em que viver o presente sem esperar pelo futuro tinha a perfeita noção da mortalidade e da finitude, a sociedade de consumo propõe uma eternidade e as novas tecnologias de informação e as descobertas da biologia vêm alimentar

estas idéias de imortalidade, de um corpo sempre jovem e de um modo de vida que não terminará e é inevitável.

AMARGA TERNURA

Para aqueles acostumados somente com o cinema ocidental óbvio – não em um sentido pejorativo, mas com aquele discurso que está claramente objetivado na tela –, o filme de Takeshi Kitano pode parecer monótono e até tedioso. O silêncio é um componente importante na trama. Compreender a profundidade das cenas sem falas, apenas pelas expressões e atos, é o que faz desse tipo de produção uma obra tão interessante. Esse recurso, no caso, é um aspecto da própria cultura japonesa, intensifica o sentimento de empatia para com a história, pois implica em um envolvimento maior da platéia, em um esforço para compreender melhor as emoções dos personagens e a complexidade das situações. É uma cumplicidade que humaniza, pois pressupõe uma preocupação com o sentimento do outro.

Em *Fogos de Artifício*, encontramos o casal tentando aproveitar cada momento que lhes resta e, por isso, a figura do samurai é evocada por comentaristas do filme, pois pretende proteger com a sua vida aquilo que considera importante. O que seria nos tempos antigos a guarda da honra, da vida e das propriedades do *daimyô* (senhor feudal) ou o nome da própria família, no caso do nosso personagem central essa coisa preciosa é a felicidade do amigo e da esposa.

Uma tensão é gerada a partir desse desejo de proteger com os obstáculos que vão aparecendo no decorrer do filme. Mas, ao contrário do que se possa pensar, essa tensão só é sentida no final da película. Ela vem crescendo e explode nas duas palavras finais ditas pela esposa de Nishi. A fuga do mundo real e da violência que ele representa encontra na morte o seu último recurso. E, talvez por isso, o filme se chame *Hana-bi* ou *fogos de artifício*, pois os dois *kanjis* (ideogramas) que formam este nome significam respectivamente flor (*hana*) e fogo (“*hi*”, que, com a junção das duas palavras, sofre uma alteração fonética e torna-se “*bi*”) e fazem uma metáfora dessa “flor de fogo” que explode e depois desaparece entre as fagulhas. Outra referência a flores e fogos de artifício aparece nos desenhos de Horibe – o amigo paralítico de Nishi – quando mistura as figuras de animais e flores.

Kitano explora bem em seus filmes a questão da violência. Seus personagens normalmente são policiais ou membros da máfia japonesa, que já estão acostumados com a morte, recordando o samurai. Mas apesar disto, em *Fogos de Artifício* a morte chega de surpresa no caso do casal e afasta e une ao mesmo tempo. Afasta quando se trata da morte da filha de 5 anos do casal, que ocorre antes dos fatos relatados no filme. Já são duas almas marcadas por uma perda inesperada. Esse acontecimento parece colocar uma barreira no relacionamento dos dois. A morte os une quando Nishi encara o fato de que a esposa vai

morrer e se propõe a arriscar tudo para dar-lhe um final de vida mais feliz. E, apesar de, em termos ocidentais, podermos considerar o relacionamento deles “frio”, existe uma cumplicidade que vai além das palavras. Assim como o seu relacionamento com o amigo que fica paralítico.

O filme nos deixa tensos por estarmos, apesar da distância cultural, na mesma situação. A violência do dia-a-dia nos encurrala cada vez mais e nos coloca a questão que Nishi enfrenta a cada momento: a ternura frente às dores da realidade ou a violência para retaliar. O policial oscila entre estes dois pólos e nos leva a pensar e recordar aquela frase famosa de Che Guevara: “*Hay que endurecer pero sin perder la ternura jamás*”.

A dor da morte é amarga, mas o filme nos deixa uma sensação de ternura e conforto quando nos desvela essa relação de cumplicidade entre o casal e mesmo entre o protagonista e Horibe, o amigo paralítico. Conscientes da situação, eles aproveitam para partilhar essa dor, de forma silenciosa, mas cúmplice. Uma amarga ternura.

NOTAS

¹ Vulgarmente conhecido como *harakiri* (suicídio através de um corte no ventre)

² Períodos da história do Japão, o Heian vai de 794 a 1185 e o Tokugawa de 1600 a 1868.

³ Sistema político no qual os samurais detiveram o poder indo do século XII até meados do século XIX

⁴ GIRARD, René. *A violência e o Sagrado*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

⁵ CAMPBELLI, Colin. *A ética romântica e o espírito do consumismo moderno*. São Paulo: Rocco, 2001.